

“UMA MODESTÍSSIMA E ESCONDIDÍSSIMA ADMIRADORA”: CARTAS DE LIDDY MIGNONE PARA MÁRIO DE ANDRADE¹

■ INÊS DE ALMEIDA ROCHA

<https://orcid.org/0000-0002-1367-5336>

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Colégio Pedro II – *campus* Centro

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar como a educadora musical e cantora Liddy Chiaffarelli Mignone revela aspectos da escrita de si, nas cartas redigidas durante o ano de 1937 para Mário de Andrade, manifestando uma mulher que se coloca em segundo plano perante os homens com os quais conviveu. O conjunto está arquivado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP) e este trabalho utiliza o recorte contendo 10 cartas de uma troca epistolar entre 1937 e 1945. O recorte documental limita-se a 10 cartas escritas durante o ano de 1937, período no qual a escrita pessoal da cantora demonstra atividades profissionais, desvelando muito sobre como Liddy se mostra ao amigo e se posiciona em relação à atuação de Mário de Andrade, Francisco Mignone e Antônio de Sá Pereira durante o Congresso de Língua Nacional Cantada, organizado pelo Departamento de Culturas de São Paulo. Para análise, recorri, principalmente, aos autores Carlo Ginzburg, bell hooks, Jean-François Sirinelli, Ângela de Castro Gomes, Maria Helena Camara Bastos, Maria Teresa Santos Cunha e Ana Chrystina Mignot. Destaca-se que não basta à mulher entrar no mundo do trabalho para conquistar uma emancipação feminina. Conscientização e demanda por mudança são imperativas para reverter a posição social da mulher na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Escrita de si. Escrita epistolar. Liddy Chiaffarelli Mignone. Mário de Andrade. Correspondência.

ABSTRACT

“ONE MOST MODEST AND HIDDEN ADMIRER: LETTERS FROM LIDDY MIGNONE TO MÁRIO DE ANDRADE

The aim of this article is to analyze how the music educator and sing-

1 Palavras destacadas da carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, arquivadas no Fundo Pessoal Mário de Andrade (FPMA), localizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), catalogação: MA-C-CPL, nº.1998.

er Liddy Chiaffarelli Mignone reveals aspects of self-writing, in letters written during the year 1937 to Mário de Andrade, manifesting a woman who puts herself in the background before the men with whom she lives together. The set is archived at the Institute of Brazilian Studies at the University of São Paulo and this work uses the clipping containing 1 letter from an epistolary exchange between 1937 and 1945. The documentary clipping met the criterion that in 1937, the singer's personal writing demonstrates professional activities, revealing a lot about how Liddy shows herself to her friend and takes a position in relation to the performance of Mário de Andrade, Francisco Mignone and Antônio de Sá Pereira during the Congresso Nacional de Língua Cantada, organized by the Department of Cultures of São Paulo. For analysis, I resorted mainly to the authors Ginzburg (1989), hooks (2018), Sirinelli (1986), Gomes (2004), Bastos, Cunha e Mignot (2002). It is noteworthy that it is not enough for women to enter the world of work to achieve female emancipation. Awareness and demand for change are imperative to reverse the social position of women in Brazilian society.

Keywords: Writing yourself. Epistolary writing. Liddy Chiaffarelli Mignone. Mário de Andrade. Correspondence.

RESUMEN

“UNA ADMIRADORA MODESTÍSIMA Y OCULTA”: CARTAS DE LIDDY MIGNONE A MÁRIO DE ANDRADE

El objetivo de este artículo es analizar cómo la educadora musical y cantante Liddy Chiaffarelli Mignone revela aspectos de la autoescritura en cartas escritas durante el año 1937 a Mário de Andrade, manifestando una mujer que se pone en un segundo plano ante los hombres con los que ella coexiste. El conjunto está archivado en el *Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo* y este trabajo utiliza el recorte que contiene 1 carta de un intercambio epistolar entre 1937 y 1945. El recorte documental cumplió con el criterio de que en 1937, la escritura personal del cantante demuestra actividades profesionales, revelando mucho sobre cómo Liddy se muestra a su amiga y se posiciona en relación a la actuación de Mário de Andrade, Francisco Mignone y Antônio de Sá Pereira durante el Congresso Nacional de Língua Cantada, organizado por la Secretaría de Culturas de São Paulo. Para el análisis recurrí principalmente a los autores Ginzburg (1989), hooks (2018), Sirinelli (1986), Gomes (2004), Bastos, Cunha e Mignot (2002). Cabe señalar que no basta con que las mujeres ingresen al mundo del trabajo para lograr la emancipación femenina. La conciencia y la demanda de cambio son imperativas

para reverter la posición social de la mujer en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Escribiéndote a ti mismo. Escritura epistolar. Liddy Chiaffarelli Mignone. Mário de Andrade. Correspondencia.

Introdução

A escrita epistolar é especial por vários motivos. Por ser suporte e mensageira de afetos, de busca do encontro com o outro e de refúgios para o encontro com o íntimo. É uma escrita de si que revela tanto o próprio remetente quanto o destinatário. A troca de cartas vai constituindo identidades daquele que escreve, recebe a escrita endereçada, ou daquele que lê a correspondência ativa, a correspondência passiva² ou o conjunto sequencial de cartas trocadas.

A escrita de si, segundo Ângela de Castro Gomes (2004, p. 10), “[...] integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental [...]”, na qual se configura uma relação autorreferencial e de memória entre o indivíduo e o que ele vai arquivando de si mesmo ao longo de um determinado período de sua vida. Assim, é possível incluir outras materialidades, como diários, bilhetes, fotos, cartões-postais ou cadernos escolares. A autora destaca:

As práticas de escrita de si podem evidenciar, assim, com muita clareza, como uma trajetória individual tem um percurso que se altera ao longo do tempo, que decorre por sucessão. Também podem mostrar como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser ‘decomposto’ em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. (GOMES, 2004, p. 13).

Acrescento que, no caso deste trabalho, escrita de mulheres ganha um significado social

2 Correspondência ativa são as cartas escritas por uma pessoa a um remetente, um destinatário. Correspondência passiva são as cartas destinadas a uma pessoa escritas por um remetente. Em muitos acervos, só é possível o acesso ao conjunto de cartas recebidas pela pessoa, ou seja, a correspondência passiva.

diferenciado, como nos explica a mesma autora, uma vez que, “[...] por questões de constrangimento social, [elas] tiveram seus espaços de expressão pública vetados, restando-lhes exatamente os espaços privados, entre os quais os de uma escrita de si [...]” (GOMES, 2004, p. 9). Dentre as muitas tipologias de escrita de si, venho dedicando especial atenção à escrita epistolar como fonte e como objeto de pesquisa desde meu doutoramento, em particular, à escrita de uma professora de música e musicista.

O ritual de troca de cartas sempre fez parte de meu cotidiano, mesmo em tenra infância. Filha de imigrantes portugueses, tenho lembranças remotas do encantamento, da emoção, dos sentimentos intensos que a chegada de envelopes coloridos, o abrir e manuseio das folhas de gramatura fina com uma escrita que provocava nos adultos intensa emoção. A leitura, ora silenciosa, ora em voz alta; ora em recolhimento no quarto de dormir, ora em conjunto com a família reunida na sala, despertava risos e lágrimas, alegrias e tristezas com as notícias que chegavam de muito longe. Afinal, a escrita de cartas pessoais aproxima distâncias e é motivada pela necessidade de tornar presente os ausentes (BASTOS, CUNHA, MIGNOT, 2002, p. 5).

A escrita de cartas exerceu importante papel em minha formação acadêmica e fortaleceu laços familiares e afetivos. Assim que fui alfabetizada, adotei a mesma prática que meus pais e escrevia cartas para parentes distantes, alguns deles eu ainda nem conhecia e que só em viagem da família à terra natal de meu pai eu viria a conhecer. Martyn Lyon

afirma que a ampliação do processo de alfabetização na Europa Ocidental, nos séculos XVIII e XIX, popularizou a troca epistolar entre diversas camadas sociais (LYONS, 1999, p. 166). No século XX, essa cultura já estava arraigada entre pessoas comuns de classes sociais mais pobres, devido à ampliação de alfabetização nos países europeus. Com isso, todos os anos, principalmente no mês de dezembro, eu escrevia cartas endereçadas a uma longínqua freguesia portuguesa, onde moravam minhas tias, primas e primos, em fórmulas mais ou menos fixas: “Querida tia, espero que estas mal traçadas linhas a encontre com saúde e ...”.

Ângela de Castro Gomes (2004) destaca dois aspectos que atraem cartas para o interesse de pesquisadores no campo da História da Educação. Escrever cartas sempre foi tipologia textual utilizada no processo educativo e de alfabetização, além de constituir um importante meio de comunicação entre instituição e familiares. Essa produção documental, contudo, gera interesse de pesquisadores em diversos campos de conhecimento.

Bastos, Cunha e Mignot nos falam do ritual epistolar no livro *Destino das letras*:

Escrever cartas exige tempo, reflexão e disciplina, pois é uma forma de compartilhar vivências mais pessoais, íntimas e até mundanas. Escrevem-se e mandam-se cartas pelos mais variados motivos: informar, registrar, vender, comprar, desculpar e desculpar-se, falar da vida, enfim! As cartas seguem um protocolo, obedecem a um outro ritmo de tempo: levam um tempo para chegar, muitas vezes demoram para ser respondidas e, não raro, demoram para retornar. Há todo um ritual nas novas modalidades de cartas que a moderna tecnologia inventou. O fax e o e-mail ‘reanimaram a comunicação escrita, mas não se pode dizer que estejam reabilitando as cartas. Quem matou as cartas, no início do século, foi o telefone. O e-mail não tem isso. Sua plataforma é outra, instantânea, quase sempre pobre’. (BASTOS, CUNHA, MIGNOT, 2002, p. 5).

Já podemos imaginar um mundo sem cartas escritas em papel, envelopadas e enviadas pelo correio tradicional. Para Pedro Salinas (1983), parece ser uma existência atormentadora. Eles nos fala:

Por que vocês são capazes de imaginarem-se em um mundo sem cartas? Sem boas almas que escrevem cartas, sem outras almas que as levem daqueles remetentes, sem destinatários e sem carteiros? Um universo no qual todos se dirijam a secas, em fórmulas abreviadas, às pressas e correndo, sem arte e sem graça? Um mundo de telegramas? A única localidade em que eu situo semelhante mundo é nos infernos; tenho notícias que os diabos maiores e menores nunca se escrevem entre si, seria demasiado generoso, demasiado cordial, se telegrafariam. As cartas dos demônios de Lewis são pura invenção literária. (SALINAS, 1983, p. 20, tradução nossa).³

Dessa forma, meu encantamento e hábito de escrita de cartas foram decisivos para minhas opções na trajetória investigativa. Assim sendo, elegi a correspondência de Liddy Chiaffarelli para Mário de Andrade como fonte e objeto de estudo.

As cartas assinadas por Liddy formam um conjunto de 93 documentos catalogados, datados entre 1937 e 1945, sendo 89 cartas assinadas por ela como autora principal, um telegrama, dois bilhetes e um cartão. Essas cartas estão catalogadas no Fundo Pessoal Mário de Andrade (FPMA)⁴ com o nome com que ela as

3 No original: “¿Por qué ustedes son capaces de imaginarse un mundo sin cartas? ¿Sin buenas almas que escriban cartas, sin otras almas que las lleven de aquéllas remitentes, sin destinatarios y sin carteiros? ¿Un universo en el que todo se dijera a secas, en fórmulas abreviadas, de prisa y corriendo, sin arte y sin gracia? ¿Un mundo de telegramas? La única localidad en que yo sitúo semejante mundo es en los avernos; tengo noticias de que los diablos mayores y menores nunca se escriben entre sí, sería demasiado generoso, demasiado cordial, se telegrafían. Las cartas de los demonios de Lewis son pura invención literaria”. (SALINAS, 1983, p. 20).

4 A correspondência de Liddy Chiaffarelli está arquivada no FPMA, localizado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP. O conjunto de cartas pertencem à *Série Correspondências da Coleção Pessoal de Mário de Andrade*, compreendendo documentos datados

assinava: Liddy Chiaffarelli. O catálogo registra também outras cartas em que ela se faz presente como autora, seja com uma frase, um bilhete ou mesmo uma carta escrita no verso da última página da carta do autor principal. Com isso, o montante de missivas catalogadas em sua autoria é de 106 documentos.⁵ Para este texto, porém, fiz o recorte de cartas arquivadas que datam o ano de 1937. Totalizam 10 missivas que versam principalmente sobre a viagem à Alemanha realizada por seu companheiro Francisco Mignone e pelas atividades que envolveram a organização do Congresso Nacional da Língua Cantada.

As formas como as instituições de guarda organizam e disponibilizam acervos aos pesquisadores também nos oferecem dados sobre as práticas sociais de escrita e de fazer musical. Nesse caso, o registro da coautoria permitiu identificar redes de sociabilidades da forma como nos propõe François Sirinelli (1986) e Ângela de Castro Gomes (2004). A metáfora da rede, com fios amarrados em nós, que unem pessoas, grupos, mas que também isolam e afastam outros grupos sociais, evidenciam relações socioculturais e políticas pelos mais diversos motivos, sejam afetos, conflitos, disputas de poder ou espaços profissionais.

Assinaturas de mulheres revelam muito sobre a constituição de identidades ao longo do tempo e ligações afetivas e sociais com homens em sua vida. O conjunto documental permite identificar essas relações. Seu pai Luigi Chiaffarelli lhe conferiu o nome artístico Liddy Chiaffarelli. Ao se casar com o compositor, pianista e organista italiano Agostino Cantù, ela passou a assinar Liddy Cantù. Ao se casar com o compositor, maestro e professor Francisco

Mignone ela adotou o nome Liddy Chiaffarelli Mignone. Para o amigo Mário de Andrade, ela era Liddy Chiaffarelli e assim ele assinalava à lápis vermelho os manuscritos que guardou. Seu nome de batismo, entretanto, era Elisa Edwiges Carolina Mankel Chiaffarelli.

Diante do exposto, apresento o objetivo de analisar como nas cartas escritas por Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade, no ano de 1937, ela revela uma escrita de si, manifestando uma mulher que se coloca em segundo plano perante os homens com os quais convive.

Apresentando remetente e destinatário

Biografar a vida de uma pessoa é tarefa que exige o narrador estar atento a contradições que constituem a identidade e a diversidade nas representações que se possa ter, pois, dependendo do ponto de vista, do período histórico, será passível realizar diferentes narrativas (LEVI, 2006, p. 171).

Esta não é a primeira vez que me proponho a contar facetas sobre a história de vida de Liddy Chiaffarelli Mignone. Sempre retorno com questões do presente e vislumbro, em novas fontes ou nas mesmas fontes já investigadas, outras narrativas a serem contadas, entrelaçadas com minha subjetividade e minha própria individualidade e história de vida. Atualmente, é impossível olhar para as cartas que Liddy escreveu sem dar um peso maior em questões de como Liddy se revela em segundo plano na escrita de si em relação a outros homens. Essa questão já esteve presente em meus textos, porém agora ganha outro contorno à luz de leituras e de acontecimentos recentes no país e no mundo. Passamos por uma pandemia mundial, isolamento social, muitas mortes e adoecimento, ascensão de governos de extrema direita, ameaça às instituições democráticas e

de fevereiro de 1914 a fevereiro de 1945, em três sub-séries: “Correspondência passiva”, “Correspondência ativa” e “Correspondência de terceiros”, totalizando 7.796 documentos.

5 A catalogação eletrônica da correspondência de Mário de Andrade encontra-se disponível em: www.ieb.usp.br.

é impossível ler as cartas escritas pela educadora para seu amigo e interpretá-las da mesma forma que fiz passados mais de dez anos. Assim, fico ainda mais sensibilizada a questões de gênero, classe social e raça, mas sobretudo ao que bell hooks⁶ nomeia de sexismo institucionalizado:

Para acabar com o patriarcado (outra maneira de nomear o sexismo institucionalizado), precisamos deixar claro que todos nós participamos da disseminação do sexismo, até mudarmos a consciência e o coração; até desapegarmos de pensamentos e ações sexistas e substituí-los por pensamentos e ações feministas. (hooks, 2018, p. 13).

Não se trata aqui de analisar atuação da educadora como militante no movimento feminista, pois não é o caso dela, porém de perceber como é possível identificar nuances de pensamento e atitudes sexistas na escrita de suas cartas e ao referir-se a si mesma.

Liddy Chiaffarelli nasceu em São Paulo, em 9 de maio de 1891, e com cerca de 40 anos mudou-se para o Rio de Janeiro. Mulher branca, filha de pai italiano e mãe alemã, teve formação musical e estudo de línguas – alemão, italiano, francês, inglês, além do português – em sua própria casa, sob a orientação de seu pai. No salão de sua casa, seu pai, Luigi Chiaffarelli, recebia para concertos os mais importantes músicos brasileiros, músicos estrangeiros com carreira consagrada internacionalmente, em turnês pela América do Sul e personalidades da alta classe social paulistana. Ela frequentemente viajava à Europa, primeiramente acompanhando seus pais, seu primeiro marido, com sua filha, e, posteriormente, com seu segundo

marido. Estudou canto com uma professora francesa residente em São Paulo, apresentando-se em diferentes espaços paulistas. Nesse período, trabalhou como assistente de seu pai, professor italiano de piano que projetou internacionalmente diversos pianistas virtuosos brasileiros (ROCHA, 2012).

No início da década de 1930, Liddy uniu-se ao compositor, pianista e maestro Francisco Mignone, passando a viver no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Foi uma grande mudança social em sua vida. Trabalhou, a partir de então, em diversos projetos de ensino de canto, piano, iniciação musical e formação de professores de música.

A educadora publicou dois livros sobre a metodologia de Iniciação Musical, destinados aos professores. O primeiro, *Iniciação musical: treinos de ouvido, ritmo e leitura*, foi publicado em 1947 e escrito com sua ex-aluna Marina Lorenzo Fernandez. A segunda publicação, *Guia para o professor de recreação musical*, data de 1961. Também publicou partituras de músicas que compôs para piano.

Os trabalhos desempenhados pela cantora, compositora e professora de música foram desenvolvidos em escola de formação de músicos, o Conservatório Brasileiro de Música, porém alcançaram outros espaços sociais, levando o ensino musical para escolas de formação geral – ensino infantil ou fundamental –, clubes, hospitais, instituições terapêuticas, programas de rádio e televisão. Liddy Chiaffarelli Mignone criou o Curso de Especialização para Professores de Iniciação Musical, no Colégio Santa Marcelina, em São Paulo e, em uma das viagens de volta ao Rio de Janeiro, faleceu em trágico acidente de avião em 26 de novembro de 1962.

O destinatário das cartas, Mário de Andrade, foi um intelectual de múltiplas facetas. Nasceu em São Paulo, no dia 9 de outubro de 1893, cidade em que morou praticamente sua

6 A estadunidense Gloria Jean Watkins, nascida em Hopkinsville, em 25 de setembro de 1952, em Berea, faleceu em 15 de dezembro de 2021. Reconhecida mundialmente por sua atuação como ativista feminista e antirracista, professora, escritora e artista, ela utilizou o pseudônimo bell hooks, escrito em letras minúsculas. Por esse motivo, adotarei no texto a grafia em letras minúsculas, como consta em suas publicações.

vida inteira, exceto durante a breve instância no Rio de Janeiro, entre meados de 1938 e início de 1940. Estudou piano e canto no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, formando-se em 1917. No ano seguinte, passou a lecionar nesse estabelecimento (Estética e História da Música). Em sua própria casa, dava aulas particulares de piano e organizava apresentações de seus alunos (TONI, 2004, p. 1, TRAVASSOS, 1997, p. 223). Sua atuação profissional, porém, é diversificada tendo registros de trabalho como escritor, poeta, ensaísta, jornalista, folclorista, teórico da arte, músico e um dos líderes do Movimento Modernista de 1922.

Mário de Andrade atuou em outros órgãos ligados à cultura e à educação. Realizou também diversas viagens etnográficas que subsidiaram vários trabalhos que escreveu sobre cultura brasileira e musicologia. A primeira delas foi para Minas Gerais em 1924 e, em 1927, viajou para a Amazônia. Para o Nordeste, as viagens ocorreram em dois períodos: nos anos de 1928-1929 e no ano de 1938.

Em 1930, colaborou com o projeto de reforma do Instituto Nacional de Música, atual Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1935, fundou com Paulo Duarte o Departamento de Cultura de São Paulo, ligado à Prefeitura dessa cidade. Como primeiro diretor, criou a Discoteca Pública, os Parques Infantis, o I Congresso da Língua Nacional Cantada (1937) e a Missão Folclórica ao Nordeste (1938). Ainda em 1937, fundou a Sociedade de Etnologia e Folclore, sendo o primeiro presidente. Colaborou no projeto de criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan) e depois como seu representante em São Paulo (DUARTE, 1985, p. 33).

Em 1938, foi exonerado da direção do Departamento de Cultura de São Paulo, nomeado catedrático de Filosofia e História da Arte e Diretor do Instituto de Artes na Universidade

do Distrito Federal, atual UFRJ. Nesse período, foi consultor do Instituto Nacional do Livro. Em 1941, voltou definitivamente a São Paulo, reassumiu suas cadeiras no Conservatório Dramático e Musical e trabalhou no Sphan.

A carreira de Mário de Andrade como músico foi efêmera, contando registros de algumas apresentações como cantor em período de estudante e eventuais composições musicais. Foi, contudo, um importante influenciador e formador de opinião para artistas, escritores e músicos de seu tempo. Um professor e intelectual da música, incluindo diversas publicações na área de Musicologia, Etnomusicologia e Etnografia de culturas populares, organização de concertos e de concursos de composição, da Discoteca Pública, além da organização da primeira edição do Congresso da Língua Nacional Cantada.

Barbato Junior analisa as ações de Mário de Andrade no campo das políticas culturais e educacionais como uma forma de concretização de aspirações das propostas dos artistas que circularam em torno no movimento da Semana de Arte Moderna de 1922, investindo em aparato institucional para as propostas culturais do movimento (BARBATO JUNIOR, 2004, p. 29).

Mário de Andrade foi um compulsivo escritor de cartas e soube zelar pela intimidade que essa escrita reservava, pois guardava as cartas em pastas cuidadosamente acondicionadas. Deixou pedido para que essas missivas permanecessem lacradas por 50 anos após sua morte, acontecida no dia 25 de fevereiro de 1945, decorrente de um infarto. A família atendeu ao desejo do intelectual e apenas após esses anos transcorridos, as cartas foram liberadas para a consulta (MORAES, 2001, p. 9).

O que uniu os correspondentes? A música? A troca epistolar? Ao ler as cartas escritas por Liddy, ousou pensar que a escrita dessas cartas foi uma ação e os papéis guardados com pa-

lavras escritas, timbres e desenhos tornaram-se importantes espaços que materializaram a amizade consolidada. Liddy foi se revelando ao amigo Mário, constituindo individualidades e fortalecendo laços de carinho, afeto e cumplicidade. A narrativa de Liddy é plena de detalhes de seu cotidiano familiar, um pouco das atividades profissionais em sua carreira como cantora e professora, mas, sobretudo demonstra preocupação com a saúde do amigo, conta detalhes de suas viagens e dos encontros em sua casa que reuniam músicos, artistas plásticos, escritores e intelectuais.

Uma mulher em segundo plano

Rio: 15-01-37

Com um abraço que o Mignone deixou aqui para você e uns biscoitinhos 'Marca'...

Liddy⁷

Desde o primeiro documento arquivado no acervo, o afeto e as atividades caseiras são revelados, como nos biscoitinhos que a própria Liddy preparou para seu amigo. Era mês de janeiro, início do ano em que Mário de Andrade viajaria frequentemente para a capital do país, a fim de tratar da organização do I Congresso

da Língua Nacional Cantada. Esse evento aconteceu no mês de julho, na capital paulistana, e reuniu cantores, compositores, linguistas, instrumentistas e intelectuais.

A troca de cartas no ano de 1937 girou em torno de três acontecimentos importantes na vida de Liddy Chiaffarelli: os preparativos para o congresso; a viagem de Francisco Mignone, seu marido, à Alemanha; e a criação do curso de Iniciação Musical em parceria com outra amizade em comum, Antônio Leal de Sá Pereira. Trago a narrativa da educadora que, ao falar de si, vai revelando fatos, detalhes que outras fontes de informação não revelam, mas também permite conhecer como ela se mostra ao amigo. Em qual plano social ela se percebe e se posiciona em relação aos homens que fazem parte de sua vida cotidiana?

(...) O meu carinho amigo por você, Mário, pede para você cuidar de si, precisamos muito de gente como você aqui nessa nossa terra! Fique doente para escrever o seu trabalho, mas depois continue mais alguns dias para descansar! (...)⁸

Liddy Chiaffarelli demonstra carinho, afeto, preocupação com o *stress* e o excesso de trabalho do amigo, porém se coloca em segundo plano. Uma atitude para demonstrar polidez, regra de sociabilidade ou ela assume uma postura estabelecida para mulheres que devem se colocar em segundo plano perante outros homens? Vejamos outros trechos de cartas:

(...) Apesar de ter um gotosíssimo prazer em receber notícias, vou dizendo logo que não é preciso você responder a essa minha, trate de descansar nos momentos vagos, acho que você está precisando. Esteja tranquilo: aqui estamos trabalhando seriamente e com entusiasmo! (...)⁹

7 Bilhete escrito por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 15 de janeiro de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1997. Foi realizada a transcrição atualizada com base nos estudos dirigidos por Verónica Sierra Blás (2009, p. 15). O objetivo é oferecer fácil acesso ao conteúdo e agilidade na leitura, por isso, atualizei ortografia e gramática, inseri entre colchetes [] termos para melhor compreensão dos dados e eliminei marcas de oralidade. Para delimitar recortes no texto das cartas, utilizei (...), seja no início, para indicar que há algo escrito antes, no meio, significando que suprimir uma parte da mensagem, ou ao final, denotando que a carta continua. Mantive apenas marcas de escrita que considerei interessante ou expressivas, como a palavra "Xico", para referir-se a seu marido (Francisco Mignone), alguns termos sublinhados que enfatizam a mensagem e opções de ortografia da palavra "allegria". Apesar de ser do senso comum que toda citação é um trecho de uma parte, utilizo essa regra para identificar quando a citação inicia pelo começo da carta escrita e quando termina no final, pois nem sempre o conteúdo é suficiente para essa identificação.

8 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1999.

9 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1999.

É claro que ela quer receber resposta e carta de Mário, mas se coloca de forma abnegada em prol do bem-estar do amigo. Prefere pedir que ele não lhe mande o que gosta. Quer parecer preocupada com sua saúde? Renuncia ao seu prazer. A educadora, outra vez, coloca-se em segundo plano, submissa à prioridade que é a saúde e o descanso do amigo. Liddy tem ideia de escrever sobre experiência própria, mas parece que prefere participar em segundo plano, amparando o trabalho do marido. Forma feminina de viver de uma sociedade temporalmente datada, socialmente e geograficamente localizada? Muito provavelmente.

(...) Mais uma vez: não pense que você precisa responder as minhas cartas, eu ficaria muito triste de imaginar que essa preocupação ainda vem atrapalhar a sua vida tão cheia de trabalho! (...) ¹⁰

Ela insiste na mesma atitude. Veremos, todavia, como a escrita de si na escrita epistolar de Liddy para Mário revela a proatividade, o protagonismo, a ação, os trabalhos que desempenhou. No âmbito profissional, ela também mantém um discurso figurando em plano secundário em relação aos homens da rede de sociabilidade, evidenciada na correspondência.

A viagem de Mignone para a Alemanha

Liddy inicia a carta, de 3 de maio 1937, como uma das cartas de trabalho escritas para Mário, mas acrescenta outras informações e há um tom mais pessoal. Se lermos as cartas de Francisco Mignone para Mário de Andrade arquivadas no mesmo Fundo Documental, observa-se que pouco acrescentam em informações, além dos assuntos de trabalho. Seria a escrita de Liddy Chiaffarelli uma forma femini-

na de escrita? Ou essa escrita evidencia mais uma relação de amizade e não uma relação apenas profissional? Questões difíceis de responder, porém vamos trazer alguns aspectos de como a mulher vem se colocando na sociedade, mesmo com diferenciados movimentos feministas em curso. A escrita epistolar de Liddy Chiaffarelli por si só não é fonte suficiente para aprofundar essa questão, entretanto, traz possibilidades que podem avançar na compreensão de como ela agiu no transcurso de sua vida, primeira metade do século XX.

Nas cartas desse ano, ela fala sobre a viagem do compositor à Alemanha, financiada pelo Departamento de Cultura de São Paulo e sobre o encontro com o ministro Gustavo Capanema, que lhe fez promessa e encomendas. Ao que tudo indica, as promessas de financiamento não foram cumpridas.

Rio: 03-05-37

Amigo Mário,

Antes de partir, Xico me recomendou que escrevesse a você contando um ‘caso’ do Capanema. [Até que provem o contrário], esse caso ainda está por resolver. E quais os casos que ele acaba resolvendo mesmo? Fui esperando uma notícia concreta para comunicar a você no dia 15 do mês passado, na reunião da comissão do teatro nacional, o Xico despediu-se do Capanema e lhe contou a inesquecível prova de amizade que teve de sua parte. O homem ficou visivelmente impressionado pedindo com muitíssima insistência que o Xico fosse no dia seguinte, véspera de sua partida, falar-lhe, pois tinha que lhe fazer encomendas para a Europa. O Xico foi. Foi recebido imediatamente! Teve a surpresa de ser incumbido de fazer pesquisas sobre o teatro infantil na Alemanha e de mandar gravar o concerto, todo inteirinho, do dia 13 de maio! Ele receberia imediatamente, por intermédio de um procurador, o Sr. Noronha, uma ajuda de custas e lá chegando deveria enviar, com toda urgência os orçamentos para receber telegraficamente o dinheiro em questão!! Tudo isso eu devia relatar a você logo que tivesse conhecimento da cifra dessa ajuda de custas. Se fosse de 10 contos, o Xico achava que era abuso

¹⁰ Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 2000.

ficar com eles e mais os seus 10 [recomendando que] eu deveria pôr à sua disposição essa soma! Você naturalmente já começou a apreender que ficou tudo por isso mesmo e que os orçamentos que o Xico mandará ficarão [ilegível] arquivados para os biógrafos – (ou médicos?) do Capanema terem material de sobra para as pesquisas futuras (...).¹¹

O financiamento para a viagem foi liberado com verba do Departamento de Cultura de São Paulo para divulgação das ações até então realizadas. Para tanto, foi necessária a tradução de material produzido para a ocasião. Liddy Chiaffarelli e Sá Pereira se ocuparam dessa tarefa.

(...) Fiz de colaboração com o Sá Pereira, uma tradução de todos os dados, que estavam comigo, sobre o Departamento para ser publicada na Alemanha e o Xico deu, já aqui, duas entrevistas em alemão (!!!) para jornais de lá, falando com sincero entusiasmo da sua obra em São Paulo. (...) ¹²

Assim, a correspondência revelou uma atividade profissional que outras fontes não haviam revelado. Liddy Chiaffarelli fez traduções do português para o alemão. Ela dominava várias línguas, porém o alemão e o italiano fizeram parte de seu cotidiano, pois eram as línguas natais de sua mãe e de seu pai. As notícias que Francisco Mignone envia por carta da Alemanha para a companheira de vida geraram expectativa para a divulgação radiofônica da mídia e textos produzidos:

Rio: 12-5-1937

Amigo Mário, tenho recados [nas cartas que recebi do Xico] para você: 'Os discos vão ser irradiados pela Rádio Propaganda. Agradaram e interessaram muito. Escreva isso ao Mário.' (...) 'O concerto do dia 13 será irradiado no dia 14 por intermédio de gravação que eles fazem na hora.

11 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1998.

12 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1998.

Você faça o favor de avisar o Mário. É provável que no intervalo do concerto seja lido aquele resumo sobre o Departamento que vocês traduziram para o alemão. Além disso o Fernandes (é um português que toma conta da parte em português da Rádio Propaganda) prometeu irradiar os discos do Mário'. Isso veio por carta aérea. Hoje chegou em telegrama: 'irradiação dia 14-22 5º. Hora Alemã avise Mario Andrade' (...) ¹³.

Apesar dos esforços, nem todos os planos aconteceram exatamente como o idealizado. Na carta seguinte, escrita no dia 21 de maio, ela revela o acontecido:

Mário, `as pressíssimas!¹⁴

Você não perdeu a irradiação porque, por motivo inexplicado, ninguém a ouviu! O embaixador alemão, com o qual falei hoje pessoalmente, e o Lourival Fontes, vão tratar de irradiar o concerto para nós novamente. Esse pedido o Mignone enfatizou ontem por meio da 'Rundfunk' de Berlim. Anteontem na hora do Brasil, ele tocou e falou muito em você, ouviu? Juntei algumas críticas e recortes dos jornais alemães que estão com o embaixador. Mandarei depois. Avisarei logo que souber quando será a nova irradiação! (...) ¹⁵

A escrita denuncia a necessidade de enviar notícias com poucas palavras, quase que em linguagem de telegrama e transmite ao amigo informações sobre o trabalho de Mignone divulgando os projetos do Departamento de Cultura de São Paulo, no qual Mário de Andrade estava como diretor.

A leitura das cartas e análise dos assuntos

13 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1999.

14 Mantive a ortografia da expressão superlativa criada por Liddy Chiaffarelli, relativa à "pressa" para detonar a emoção que a escritora intencionou expressar.

15 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 21 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 2000. Lourival Fontes (1899-1967) foi ministro de propaganda do presidente Getúlio Vargas entre 1934 e 1942. Liddy faz um jogo lúdico em sua escrita mesclando palavras nos diferentes idiomas que domina. Aqui ela escolhe o termo em alemão *Rundfunk*, ao invés de usar a palavra "rádio", ou a expressão "estação de rádio".

induz o leitor a inferir que algumas missivas eram escritas ao longo de mais de um dia, como se fosse uma tarefa cotidiana, em que a escrita é iniciada em um horário da manhã e depois retornada por várias vezes assim que os assuntos vão sendo lembrados. Liddy sempre utilizava a marcação (____) para separar os assuntos diferentes, um traço longo entre as frases. A carta do dia 12 de maio é um exemplo no qual essa característica está bem aparente pelos tracejados e porque ao final, na despedida. Ela retorna ao assunto inicial com uma informação que leva a crer que não tinha conhecimento ainda ao iniciar a carta, contendo muitos detalhes e informações sobre a viagem à Alemanha. Em seguida, ela se despede com uma caligrafia perceptivelmente modificada: “O Xico embarca no dia 27, em Trieste (*ilegível*) Xi! que bom!! Sexta-feira [estaremos pensando em todos nós], e amanhã de noite também. Na torcida! Felicidades, Liddy!”¹⁶

Liddy relata na carta de novembro para Mário impressões e significado da viagem de Mignone à Alemanha:

(...) O Xico ficou meio ‘turvo’ com a imprensa fe-roz de São Paulo, mas já passou. As cartas da Alemanha que aqui encontramos combinando ainda outros concertos deram-lhe a certeza de que ‘Santo de casa não faz mesmo milagre!’ Agradecemos a você a sua amizade e aqui fica a pedra fundamental para o futuro. Bom futuro, se Deus quiser! (...)”¹⁷

Pelo relato, Liddy descreve uma impressão boa da viagem e do trabalho empenhado por Francisco Mignone. Apesar dos contratempos, frustração dos planos que não se concretizaram e críticas da imprensa paulista, consolidaram importantes laços profissionais. A narrativa, porém, deixa clara a função de secretária

exercida por Liddy, mediando ações profissionais entre Mário de Andrade e o compositor viajante.

O Congresso nacional da língua cantada

(...) Eu queria telefonar a você hoje, mas o Amador Florence nos disse que você estava fora de São Paulo e mesmo amanhã não sabe a que horas você estará no Departamento! Um telegrama seu seria talvez a melhor solução! Pobre Mário. A sua cabeça deve estar mesmo uma colmeia de abelhas, mas quanto mel colheremos todos depois desse seu trabalho fantástico! Estamos esperando com impaciência o dia 6 de julho, até lá vai um abraço muito carinhoso dos amigos.

Liddy e Xico.¹⁸

Esta é a despedida da carta escrita no dia 23 de junho de 1937.

Entre 24 de junho e 8 de novembro de 1937 não há cartas arquivadas. O Congresso Nacional da Língua Cantada aconteceu em julho desse ano e a realização do evento pode ser a explicação para a não existência de cartas arquivadas. Cartas aproximam distâncias, encurtam temporalidades, como a própria Liddy constatava ao receber notícias de Mignone da Alemanha. Ela fala para Mário em 3 de maio: “Recebi já 3 cartas aéreas e dois telegramas do Xico, o que está ajudando a encurtar o tempo”.¹⁹ Durante a realização do congresso, estando ambos na mesma cidade, não haveria necessidade de escrever cartas entre si. Há, também, a possibilidade de o casal ter estendido do período de permanência na cidade paulistana, uma vez que familiares de ambos eram residentes naquela cidade.

16 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, n.º 1999.

17 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone no Rio de Janeiro, em 9 de novembro de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, n.º 2002.

18 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone no Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, n.º 2001.

19 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, n.º 1998.

O Congresso Nacional da Língua Cantada foi sediado no Teatro Municipal de São Paulo, entre os dias 7 e 14 de julho de 1937. O objetivo era atingir representantes de diversos estados, garantindo abrangência nacional e a maior diversidade de regiões do país possível. Reuniram-se representantes dos estados do Pará, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Rio Grande do Sul, para discutir aspectos do português cantado na música erudita. Estiveram presentes profissionais de diversas especialidades, tais como, linguistas, musicistas, teatrólogos, musicólogos, músicos, atores, cantores, jornalistas, críticos literários e de música, docentes do ensino secundário, normal e superior e dirigentes públicos paulistas. Se, por um lado, é possível identificar nas ações de Mário de Andrade à frente do Departamento de Cultura ideais do movimento modernista, muitas facetas do pensamento nacionalista de seu tempo se faziam presente. Muito embora o evento pretendesse reunir representatividade nacional, o que imperou, ao fim e ao cabo, foi a normatização de um padrão para a pronúncia da língua portuguesa cantada na música brasileira. Nessa disputa, predominaram elementos do sotaque carioca (MONTEIRO, 2020, p. 3-4).

A programação foi dividida em plenárias para discutir normas da proposta de pronúncia padrão apresentada pelo Departamento de Cultura de São Paulo (14h), sessões científicas de filologia e musicologia (16h) e apresentações artísticas, dentre concertos de música erudita e peças de teatro como demonstrativo das propostas de pronúncia (MONTEIRO, 2020, p. 4).

Os Anais do Congresso não publicaram todas as conferências e alguns dados constam apenas nomes e título das palestras. É o caso da participação de Francisco Mignone cuja conferência se intitulava: “A pronúncia no canto nacional”. Há registro também da apresentação de uma moção intitulada: “O canto é útil

à saúde? Deve ser sistematizado o ensino do canto nas escolas não especializadas em música bem como os exercícios respiratórios?” (SERPA, 2001, p. 86). Não há registro no nome Liddy Mignone, Liddy Chiaffarelli, Elisa Mankel ou qualquer outra variante que pudesse ser associada à educadora nos Anais. Na escrita das cartas, porém, ela revela para o amigo e agora para nós, devidamente autorizados por seus descendentes, em que plano ela concebia sua participação nesse evento.

(...) Assustei-me com a tese que estou escrevendo! Nada disso Mário, limito-me apenas a tomar notas práticas e teóricas sobre o assunto tão interessante e depois a Xico dará a isso tudo uma forma de palestra-opinião sem pretensões, que será lida e assinada por ele. Eu irei, com indizível alegria – não sei escrever alegria com um l só, parece que fica mais triste! – assistir ao congresso: uma modestíssima e escondidíssima admiradora de mais esse seu trabalho em favor de nossa cultura! (...).²⁰

Apesar de não termos acesso ao texto da conferência e da moção apresentada por Francisco Mignone, os títulos e o conteúdo das cartas são reveladores de como Liddy atua, em que plano se coloca em relação ao marido e como ela vai constituindo sua identidade como esposa.

(...) Temos conversado muito sobre os respectivos trabalhos e o Sá Pereira fará coisa que presta mesmo. Gostei de saber que haverá teses médicas sobre correções de vícios de linguagem, etc., pois não sabia se devia incluir a possibilidade de corrigir a pronúncia do r gutural e do s -th inglês, para o s puro! Como corrigi isso numa clínica alemã, posso relatar praticamente o caso.²¹

A partir do paradigma indiciário proposto

20 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1998.

21 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 12 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1999.

por Carlo Ginzburg (1989), podemos pensar sobre trechos das cartas, considerando como pistas que levam a outras pistas para desvendar mistérios, como o movimento de um detetive ao tratar a solução dos meandros de um crime para fazer inferências sobre esses dados. Façamos o mesmo movimento. Vejamos a atuação profissional de Francisco Mignone e as temáticas às quais Liddy Chiaffarelli dedicou e revelou ter experienciado. O excerto acima é bastante sugestivo e relacionado ao título da moção apresentada por Mignone: “O canto é útil à saúde? Deve ser sistematizado o ensino do canto nas escolas não especializadas em música bem como os exercícios respiratórios?”. Seria a moção proferida pelo compositor, maestro e professor de harmonia, o texto que Liddy demonstra ao correspondente desejo de relatar? Pergunta difícil de responder com as fontes disponíveis.

Francisco Mignone era professor do ensino superior, na atual Escola de Música da UFRJ, ele não lecionava em escolas não especializadas. Há que se lembrar que em 1937 o projeto do canto orfeônico, liderado por Heitor Villa-Lobos, estava em pleno vigor em várias escolas secundárias e normais do país. Liddy Chiaffarelli era cantora, professora de Iniciação Musical e se preocupava com a adequação das canções à extensão vocal da criança e com aspectos relacionados à saúde e desenvolvimento psicológico. Ela e Antônio de Sá Pereira estavam elaborando uma proposta educativa para crianças que adotava fundamentos pedagógicos musicais diferenciados para o ensino musical que era praticado no país até então. Nas publicações sobre Iniciação Musical de ambos, fica evidente essa preocupação com o canto, extensão e a saúde vocal.

Estaria mais uma vez trabalhando para que o marido ficasse em evidência? Infelizmente, não encontrei documentação suficiente para sustentar essa hipótese, ficando no plano da

especulação. Vejamos o que Liddy fala sobre o curso de Iniciação Musical:

(...) Pensei que você fosse aproveitar esses 3 feriados para dar uma ‘voadinha’ até cá, mas o Sá Pereira me disse ter carta sua na mão falando nisso. Ele, com certeza, mandará a você notícias sobre o vosso, nosso concurso e sobre o curso que iniciaremos com as 30 crianças que escolhemos das 104 que se inscreveram. Creio que vai ser um trabalho bem interessante e útil para nós (...).²²

Vosso, nosso, seria um momento em que fica insegura e comete um ato falho não querendo admitir sua própria participação na concepção da proposta do curso? É outra especulação difícil de responder. O ponto que está em questão, entretanto, é que Liddy se coloca em segundo plano, quando nem sempre esse é realmente o lugar que está desempenhando. Sua escrita a trai. Ela é uma escrita de si, revela a si própria:

(...) Essa minha é continuação da que você recebeu do Sá Pereira! Procurando uma solução boa para a questão do disco ainda não gravado, para o trabalho do Xico, pensei em propor a você a ida do Jorge Fernandes que é o cantor que melhor pronuncia o nosso idioma como nós pensamos! (...).²³

Na proposta elaborada pelo Departamento de Cultura, muito provavelmente, continha grande parte o pensamento de Mário de Andrade. É importante considerar que na primeira metade do século XX, o canto urbano no Brasil era muito marcado pela forma italiana operística ou pela forma de canto da música sacra. O Congresso trataria sobre aspectos da dicção na voz cantada em português de canções brasileiras. Jorge Fernandes era indicado por Liddy como uma boa referência de cantor

22 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1998.

23 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone no Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 2001.

para exemplificar musicalmente a proposta inicial apresentada no Congresso, a ser debatida e deliberada. Liddy Chiaffarelli e Mário de Andrade eram cantores. Observando programas de concerto e fichas catalográficas de gravações do referido cantor, é possível identificar pessoas pertencentes à rede de sociabilidades de Liddy Chiaffarelli, como Paschoal Carlos Magno, Arnaldo Estrella, Hekel Tavares, dentre outros. Jorge Fernandes também cantava repertório clássico, porém sua principal atuação foi como cantor de valsas, *fox-trots*, sambas, músicas folclóricas e canções populares, eternizadas em gravações.²⁴

Liddy continua a descrição da proposta para a participação do cantor:

Como demonstração prática desse trabalho pensei: o disco vai custar um conto de reis e a viagem do Jorge Fernandes poderia ser mais ou menos isso. A única contraindicação era que o disco ficava e o Jorge Fernandes não! Estávamos Xico, Jorge Fernandes e eu discutindo aqui esse assunto, quando chegou, inesperado, o Sr. Amador Florence. Expusemos a ele o caso e a opinião dele foi favorável à ida do Jorge Fernandes. I. Porque o disco poderia ser gravado depois no Departamento para ficar arquivado. II. Porque ele poderia tomar parte no recital das modinhas organizado pela Maria da Glória! Acho que você conhece o Jorge Fernandes e sabe que além de cantor é cultor do nosso Folclore e artista sério, por isso também apoio a ideia da colaboração dele. Ele está interessadíssimo e muito entusiasmado com a possibilidade de estar presente ao Congresso e não deseja outra coisa! Disse-nos que como dispõe, para viver, só dos 2 contos mensais que ganha na Mayrink Veiga, pede a indenização da semana (...) Ele canta todas as modinhas imperiais colecionadas por você e naturalmente gostaria de saber quais já foram escolhidas.²⁵

24 Para ouvir algumas gravações, acessar: <https://www.marcelobonavides.com/2019/03/jorge-fernandes-30-anos-de-saudade.html>.

25 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone no Rio de Janeiro, em 23 de junho de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 2001.

Tendo em vista a organização tripartite do congresso, fica evidente a contribuição e envolvimento nos preparativos das plenárias para discussão na proposta normativa, das sessões de trabalhos enviados pelos palestrantes e nas apresentações artísticas.

Considerações finais

Escrita nos últimos dias de dezembro, uma carta torna visível a relação de Liddy Chiaffarelli com mais uma figura masculina importante em sua vida, seu pai:

Rio: 27-12-37

Mário, recebi do meu Chico uma linda ampliação do retratinho meu preferido de meu pai e algumas [fotos] pequenas para dar aos que ainda lhe guardam lembrança.

Você, Mário, nas nossas conversas sempre me revelou tanta carinhosa simpatia pela memória do meu velho querido, que imagino dar a você um pequeno prazer pondo em suas mãos esta recordação!

Com ela vão os nossos melhores votos para o novo ano: muita saúde, felicidade e gente inteligente a sua volta para ajudar a você a continuar a obra de brasileiro de verdade que você está realizando!

Um abraço afetuoso

Liddy *Mignone* (escrito à lápis por MA)²⁶



Em algumas cartas, é possível encontrar escrita musical, desenhos, escrita coletiva realizada em reunião de amigos em sua casa. Sentem a ausência de Mário de Andrade e, para torná-lo presente, escrevem missivas. Outras mulheres aparecem na conversa mediada pela

26 Carta escrita por Liddy Chiaffarelli e Francisco Mignone no Rio de Janeiro, em 27 de dezembro de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 2004.

escrita, porém, na amostra para este trabalho, Liddy cita apenas figuras masculinas. Esse foi mais um motivo que me levou a pensar essa relação entre a escrita de si, escrita epistolar e como ela se revelava nesse espaço com os homens da rede de sociabilidades que constam no recorte de cartas elegido.

Liddy Chiaffarelli Mignone demonstra um comportamento feminino, de mulher branca e de origem de uma alta classe intelectualizada e de acesso a ambiente cultural de elite. Ela realiza atividades em segundo plano que dão visibilidade e projeção para homens. Cabe repetir a mesma citação, pois são enfáticas e reveladoras de como ela escreve sobre si mesma:

(...) Eu irei, com indizível alegria – não sei escrever alegria com um l só, parece que fica mais triste! – Assistir ao congresso: uma modestíssima e escondidíssima admiradora de mais esse seu trabalho em favor de nossa cultura! (...).²⁷

Uma mulher, contudo, tem suas dualidades, suas contradições e limitações para romper com padrões estruturais da sociedade brasileira dos anos de 1930. Liddy Chiaffarelli tem uma história incomum para a sociedade brasileira musical de seu tempo. Aos 40 anos, assumiu o relacionamento amoroso com Francisco Mignone, 10 anos mais jovem que ela e mudou de cidade. Deixou um ambiente da alta sociedade de elite paulistana para viver no Rio de Janeiro com um jovem compositor em início de carreira internacional promissora. A partir dessa escolha, ela precisou trabalhar arduamente para pagar as contas de seu sustento. Acredito que seja difícil para as jovens gerações de hoje dimensionar o que representou para Liddy Chiaffarelli essa opção de vida, pois foi uma atitude de muita ousadia para a sociedade artística de elite paulistana e carioca

de meados do século XX. Ela enfrentou muito preconceito e se impôs como profissional e mulher.

Foi uma atitude de protagonismo e coragem.

As cartas revelam, contudo, as profundas ligações que nós, mulheres, mantemos com a dominação masculina e que nos induzem a nos posicionar em um plano secundário, mesmo quando estamos protagonizando a ação, a escrita, a narrativa. Assim, a escrita de si na escrita epistolar da educadora musical revelou marcas de uma sociedade estruturalmente patriarcal, na qual, não basta a mulher sair do âmbito do privado, trabalhar para se sentir e se expressar de forma igualitária ou mesmo no protagonismo que efetivamente exerce. Conscientização e vontade de mudar são imprescindíveis para reverter a posição social e cultural da mulher na sociedade.

Outros dias virão.

Referências

BARBATO JUNIOR, Roberto. **Missionários de uma utopia nacional-popular**: intelectuais e o Departamento de Cultura de São Paulo. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2004.

BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa dos Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. Laços de papel. In: BASTOS, Maria Helena Camara; CUNHA, Maria Teresa dos Santos; MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. **Destino das letras**: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UPF, 2002. p. 5-9.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro. Escrita de Si, Escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 7-24.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LEVY, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (coordenadoras).

²⁷ Carta escrita por Liddy Chiaffarelli no Rio de Janeiro, em 3 de maio de 1937, IEB/USP, FPMA, catalogação: MA-C-CPL, nº 1998.

Usos e abusos da História Oral. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

LYONS, Martyn. Os novos leitores do século XIX: mulheres, crianças, operários. *In*: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental.** São Paulo: Ática, 1999. v. 2. p. 165-198.

MIGNONE, Liddy Chiaffarelli; FERNANDEZ, Marina. **Iniciação Musical:** treinos de ouvido, ritmo e leitura. Rio de Janeiro: Edições Tupy, 1947.

MIGNONE, Liddy Chiaffarelli. **Guia para o professor de recreação musical.** São Paulo: Ricordi Brasileira, 1961.

MONTEIRO, Luciano. O Congresso da Língua Nacional Cantada de 1937: um objeto controverso para a historiografia da Linguística. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA DA TECNOLOGIA. 7, 22, Rio de Janeiro. **ANAIIS ...** 2020, p.1-13. Disponível em: https://www.17snhct.sbhct.org.br/resources/anais/11/snhct2020/1597253743_ARQUIVO_44d8d-3c7bd9bfb33cd222e2b4b6e8409.pdf. Acesso em: 21 ago. 2022

MORAES, Marcos Antonio de (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira.** 2. ed. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/ Universidade de São Paulo, 2001. (Coleção Correspondência Mário de Andrade; 1).

ROCHA, Inês de Almeida. **Canções de amigo:** redes de sociabilidades na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mário de Andrade. Rio de

Janeiro: Quartet, 2012.

SALINAS, Pedro. **El defensor.** Introducción de Juan Marichal. Madrid: Alianza Editorial, 1983.

SERPA, Élio. Congresso da Língua Nacional Cantada de 1937: a insensatez maravilhosa da militarização das vogais: nacionalismo, raça e língua. **Diálogos Latinoamericanos.** v. 3, p. 71-86, 2001. Disponível em: <https://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=16200303>. Acesso em: 17 jul. 2022.

SIERRA BLÁS, Verónica (dir.); MARTÍNEZ MARTÍN, Laura; IGNACIO MONTEAGUDO, José (eds.). **Esos papales tan llenos de vida...** Materiales para el estudio y edición de documentos personales. Girona: CCG Edicions, 2009.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política.** Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1986. p. 231-269.

TONI, Flávia Camargo. **Café, uma ópera de Mário de Andrade:** Estudo e edição anotada. 2004. Tese (Livre-docência) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TRAVASSOS, Elizabeth. **Os Mandarins Milagrosos:** arte e etnografia em Mário de Andrade e Béla Bartók. Rio de Janeiro: FUNART/Jorge Zahar, 1997.

Recebido em: 28/09/2022

Revisado em: 03/12/2022

Aprovado em: 06/12/2022

Publicado em: 15/12/2022

Inês de Almeida Rocha é doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professora titular do Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II. Professora colaboradora permanente do Programa de Pós-Graduação em Música (PPGM) da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), líder do Grupo de Pesquisa Práticas Ensino Aprendizagem e Música (Gepeamus). *E-mail:* ines.rocha@unirio.br